

O Poder Destruidor da Palavra: um diálogo entre educação e religião

Ma. Neuda Batista Mendes França*

Resumo: O poder emanado das palavras, tem sido, na atualidade, ignorado por grande parte dos indivíduos ou ainda não assimilado pelas novas gerações. Ensinos milenares transmitidos pela tradição oral ou escrita, especialmente o livro bíblico dos Provérbios, advertem que a palavra mal-dita, tem um poder destruidor. Esse artigo busca elucidar o poder destruidor da palavra tecendo um diálogo entre educação e religião no sentido de suscitar no indivíduo atenção às palavras que profere construindo relações mais saudáveis e menos conflituosas, promovendo construção no lugar de destruição. Na relação professor-aluno as palavras exercem um poder determinante tanto para desenvolver quanto para retrain, tanto para incluir quanto para excluir.

Palavras-chave: Palavra. Religião. Educação. Diálogo;

Abstract: The power emanating from words has been ignored by many individuals or not yet assimilated by the new generations. Ancient teachings transmitted by oral or written tradition, especially the biblical book of Proverbs, warn that the word badly spoken has a destructive power. This article seeks to elucidate the destructive power of the word by weaving a dialogue between education and religion in order to raise attention to the words that it utters by building healthier and less conflicting relationships, promoting construction in the place of destruction. In the teacher-student relationship, words exercise a decisive power both to develop and to retract, both to include and to exclude.

Keywords: Word. Religion. Education. Dialogue.

1. INTRODUÇÃO

A sociedade atual, pós-moderna, tem suprimido ou ressignificado, muitos valores perenes como a justiça, a ética, o respeito, a prudência, entre outros. Tais valores, atemporais, apresentam-se essenciais para o crescimento pessoal e para a formação humana - desde a antiguidade, assim como para a convivência social

* Doutoranda em Educação (DINTER – PUC/FaSeM); e-mail: neudabmf@hotmail.com.

saudável, visto que, se aplicam a qualquer povo, em qualquer época e nos diversos contextos familiar, religioso, profissional, educativo, entre outros. Nesse contexto, as palavras são instrumentos privilegiados da comunicação humana, seja em sua forma verbal ou não-verbal, escrita, falada ou gesticulada.

No âmbito educacional, especificamente na relação professor-aluno, palavras mal falada acarretam consequências positivas ou negativas? De que forma a religião pode contribuir com a transmissão do valor da prudência nas palavras na geração atual e futura? Na busca de responder essas questões, esse artigo busca nos ensinamentos milenares dos provérbios, tanto bíblicos quanto da sabedoria popular, reflexões para a relação professor-aluno, por considerar a religião e a educação molas propulsoras na construção de valores, especialmente a prudência no uso da palavra, como um valor essencial para a vida pessoal e social.

2. O PODER DA PALAVRA EM TEMPOS DE PÓS-MODERNIDADE

Vivemos numa sociedade profundamente impregnada de consumismo e imediatismo, conceituada de pós-modernidade por vários cientistas e pesquisadores e denominada de modernidade líquida por Bauman, diante do individualismo, da fluidez, da incerteza, da dispersão e da efemeridade das relações (BAUMAN, 2014).

Bernadete Gatti (2005, p. 602) em suas pesquisas, cita Santos (1991) relacionando as diferenças entre modernidade e pós-modernidade: define que, a modernidade, é marcada pela sociedade do consumo, a fábrica, a notícia, o subjetivismo, a unidade, enquanto a sociedade pós-moderna, pelo chip, o espetáculo, a pluralidade, o egocentrismo narcisista, entre outros.

Assim, na era pós-moderna, o que era considerado tradicional, sólido, estruturado, racional e objetivo, torna-se fluido, incerto, plural, cujas mudanças são frequentes. Bauman (2013) define que,

a pós-modernidade é a era dos especialistas em “identificar problemas”, dos restauradores da personalidade, dos guias de casamento, dos autores dos livros de “auto-afirmação”: é a era do “surto de aconselhamento”. Os homens e mulheres pós-modernos, quer por preferência, quer por necessidade, são selecionadores. (BAUMAN, 2013, p. 221).

Na contemporaneidade, grande parte dos indivíduos estão, a todo instante, selecionando algo, desde o trajeto de casa para o trabalho até o vestuário do dia

seguinte; selecionam mediante critérios diversos, o médico, o terapeuta, a escola, o restaurante. No entanto, nem sempre selecionam, no universo de palavras, a mais adequada para cada momento. Frequentemente, vemos pessoas desferirem palavras ríspidas, respostas grosseiras, causando episódios de desrespeito e ofensa.

2.1 O poder das palavras na tradição

Considerando o período pós-moderno em que a sociedade atual vive, profundamente marcada pelo individualismo, pelo respeito à diversidade e o pluralismo de opiniões, ideias, religiões, entre outros, o uso das palavras é fator determinante nas relações pessoais e sociais.

De acordo com o escritor africano, Amadou Hampaté Bâ, nas tradições africanas,

A palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de “forças etéreas”, não era utilizada sem prudência. (BÂ, *apud* Ki-Zerbo, 2010, p. 169).

Para ele,

A fala humana como poder de criação Maa Ngala, como se ensina, depositou em Maa as três potencialidades do poder, do querer e do saber, contidas nos vinte elementos dos quais ele foi composto. Mas todas essas forças, das quais é herdeiro, permanecem silenciadas dentro dele. Ficam em estado de repouso até o instante em que a fala venha colocá-las em movimento. Vivificadas pela Palavra divina, essas forças começam a vibrar. Numa primeira fase, tornam -se pensamento; numa segunda, som; e, numa terceira, fala. A fala é, portanto, considerada como a materialização, ou a exteriorização, das vibrações das forças. (BÂ, *apud* Ki-Zerbo, 2010, p. 172).

Hampaté define que “a fala pode criar a paz, assim como pode destruí-la. É como o fogo. Uma única palavra imprudente pode desencadear uma guerra, do mesmo modo que um graveto em chamas pode provocar um grande incêndio” (BÂ, *apud* Ki-Zerbo, 2010, p. 173).

2.2 O poder destruidor das palavras segundo o livro dos Provérbios

Em sua etimologia, poder vem do latim, *potis*, que significa “poderoso, ser capaz de”. Segundo o dicionário Michaelis, poder significa “ser suficientemente forte para”, entre uma série de conceitos. Logo, o poder da palavra humana é capaz de promover mudanças pois, tem força suficiente para isso.

Abiderman (1998) cita Cripa (1975) a força inicial, o poder mágico e cabalístico da palavra ao afirmar que,

Em muitas religiões e culturas acredita-se que foi a linguagem que ordenou o caos primitivo transformando-o num cosmos significativo. Cada cultura foi ordenando, a seu modo, o caos primeiro através de seus mitos. A palavra assume assim nos mitos de cada cultura uma força transcendental; nela deitam raízes os entes e os acontecimentos. Por ser mágica, cabalística, sagrada, a palavra tende a constituir uma realidade dotada de poder. Os mitos falam dos segredos e das essências escondidas na palavra instituidora do universo (CRIPA, 1975, *apud* ABIDERMAN, 1998, p. 81).

Tendo em si o poder extraordinário da palavra, pela ótica do cristianismo, o livro dos Provérbios explicita esse poder de forma enternecedora no capítulo 18, versículo 21, ao definir que “morte e vida estão à mercê da língua: os que a amam comerão dos seus frutos” (BIBLIA, 1998, p. 799). Nesse versículo é elucidado o poder construidor e destruidor da palavra humana em sua força vivificadora e mortificante. Uma vez tendo em si a força enérgica que promove vida, as palavras podem revigorar a alma e promover a saúde para o corpo, pois “as palavras agradáveis são como um favo de mel: doçura para a alma e saúde para os ossos” (BIBLIA, 1998, Prov. 16, versículo 24, p. 797).

Nesse mesmo sentido, o capítulo 12 versículo 18, adverte que “o falador fere com golpes de espada; a língua dos sábios, porém, cura” (BIBLIA, 1998, p. 792). Então, cabe a cada indivíduo, estar atento às palavras que profere, pois, ferir com golpes de espada podem tanto machucar gravemente ocasionando sofrimento intenso quanto levar à morte, ao passo que, palavras acertadas curam, reerguem, revive uma alma agonizante.

Diante disso, é possível compreender o poder destruidor que tem a palavra quando mal-empregada e a importância de desenvolvermos a prudência e aprendermos a ser moderados no falar, pois “quem modera os lábios é um homem prudente” (BIBLIA, 2011, Prov. 10, 19b, p. 789).

2.3 O poder da palavra nos provérbios populares

“O peixe morre pela boca”; “Quem fala o que não deve, acaba escutando o que não quer.” Quem já não ouviu esses provérbios populares algum dia na vida? Isso porque, nossa tradição oral é rica em provérbios que se popularizam por seus ensinamentos morais e humanos de forma prática e simples. Por se propagarem, durante séculos ou até milênios, pela oralidade, a maioria acaba por não ter referenciado o autor que os criou, visto que, parte das informações se perde ou se transforma no decorrer do tempo e da história.

Em relação ao poder da palavra, encontramos uma série de provérbios populares dos quais podemos aprender ensinamentos importantes para o crescimento pessoal no desenvolvimento da prudência na fala. A seguir, elencaremos alguns ditos populares conhecidos sobre o tema em questão numa forma de analisar o poder da palavra tanto no campo religioso, quanto no científico e no popular.

Há um provérbio árabe que diz:

Não diga tudo quanto sabes. Não faças tudo quanto podes. Não creias em tudo quanto ouves. Não gastes tudo quanto tens. Porque quem diz tudo quanto sabe, quem faz tudo quanto pode, quem crê em tudo quanto ouve, quem gasta tudo quanto tem, muitas vezes, diz o que não convém, faz o que não deve, julga o que não vê, gasta o que não pode.

De acordo com o prof. Roque Enrique Severino (2010) conhecido como Lama Zopa Norbu, em seu livro “I Ching, o livro da sabedoria: uma visão budista do livro das mutações”, orienta o ser humano para a moderação no falar, pois, “muitas vezes, queremos falar o que pensamos, mas não sabemos se a pessoa à nossa frente está ou não preparada para nos escutar” (SEVERINO, 2010). Ainda segundo o autor, muitos erros de interpretação geram discórdias, intrigas, ciúmes e até mortes e do hexagrama 26 do I Ching, fundamenta-se o dito “fale quando suas palavras forem mais valiosas que o silêncio”.

Dos provérbios chineses ressaltamos que "há três coisas na vida que nunca voltar atrás: a flecha lançada, a palavra pronunciada e a oportunidade perdida."

2.4 O poder das palavras na educação

Educação, do latim *educare*, *educere*, significa originalmente “conduzir para fora” ou “direcionar para fora”. O termo *educare*, é composto pela união do prefixo *ex*,

que significa “fora”, e *ducere*, que quer dizer “conduzir” ou “levar”. Assim, o significado “direcionar para fora” era empregado no sentido de preparar as pessoas para o mundo e viver em sociedade, ou seja, conduzi-las para fora de si mesmas, mostrando as diferenças que existem no mundo¹.

A educação é algo inerente ao indivíduo. Segundo Brandão (1981),

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na Igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 1981, p. 7).

Como um fenômeno que permeia as estruturas da sociedade, a educação, é o espaço onde a comunicação acontece ininterruptamente e o seu instrumento primordial é a palavra. Por mais tecnológica que seja uma escola ou universidade o principal meio de ensinar é por meio da palavra em suas formas verbais e não-verbais (fala, desenho, gesto).

Para Rubem Alves, escritor e psicanalista,

As palavras têm poder mágico. Mas isso não é mera força de expressão. É algo que acontece na realidade. As palavras que a mãe dirige ao filho, por exemplo, podem marcá-lo por toda a vida. Na religião, espera-se que elas conduzam a ação do sujeito, sem o quê não haveria razão para rezar. Os efeitos que as palavras provocam no ser humano têm a ver com ‘transformação’ (ALVES, 2011).

Felipe de Aquino, professor de História da Igreja do Instituto de Teologia Bento XVI, da diocese de Lorena em São Paulo, escreveu vários textos sobre o poder das palavras em seu site da Editora Cléofas. No artigo intitulado “o perigo das palavras mal usadas” Aquino (2017), o autor aborda que, como tudo o que Deus fez também a palavra é bela, construtora do bem e da paz; encanta os corações e as mentes; contudo, mal empregada pode ser muito destruidora.

Segundo Vygotsky, “na ausência do outro, o homem não se constrói homem (VYGOTSKY, 2002, p. 235). Compreende-se assim, que somos seres inacabados em busca de construção e aprendemos uns com os outros a partir de uma relação dialógica entre sujeito e sociedade, entre professor e aluno. Isso quer dizer que, o

¹ DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO, disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/educar/>.

homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem. Nesse sentido a educação desempenha um papel fundamental na formação social da mente, pois, influencia no que o sujeito irá pensar e como ele irá pensar. A relação daquele que fala com aquele que ouve, do que ensina com o outro que aprende, é intrínseca e dialógica. Nem um, nem outro, detém a palavra, ou o conhecimento.

A relação professor-aluno constitui-se a partir de uma interação constante e poderosa, tanto no sentido de construir aprendizagens importantes para o crescimento e para desenvolvimento positivo quanto para o negativo. No processo de ensino e aprendizagem, as palavras proferidas tanto de um como do outro, são instrumentos valiosos tanto para a construção quanto para a desconstrução, para o sucesso ou para o insucesso, para a inclusão ou para a exclusão.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando as relações humanas atuais ou pós-modernas, observa-se, que grande parte das pessoas, desde a mais tenra idade, tem sido imprudentes, intolerantes e descuidadas no falar, esquecendo ou negligenciando o poder da palavra proferida, o que tem gerado conflitos internos e externos frequentes, inclusive em âmbito educacional na relação professor-aluno. Por isso, é imprescindível compreender a sociedade atual para então, analisar o poder destruidor das palavras na vida humana, considerando os ensinamentos da religião e da educação para o desenvolvimento da prudência no falar como valor essencial para uma vida e relacionamentos, melhores e mais saudáveis.

Nas sociedades tradicionais, o poder das palavras exercia forte influência na vida de grande parte dos indivíduos. Na contemporaneidade, o poder emanado das palavras proferidas tem sofrido uma degradação de significado ou releituras que estão afetando negativamente as relações humanas e o crescimento pessoal. No entanto, sabemos que a palavra exerce no indivíduo, um poder tanto para a destruição quanto para a construção, tanto para o crescimento quanto para o aniquilamento, tanto para a vida quanto para a morte, tanto para a inclusão quanto para a exclusão.

A educação e a religião, como formas de transmissão e construção de conhecimento e valores, assim como meios de formação de consciências, podem contribuir para uma reflexão mais atenta em relação ao poder que as palavras exercem na vida de uma pessoa, no intuito de cultivar uma cultura de paz e tolerância, onde a prudência no falar torne-se um valor na vida contemporânea.

A palavra produz frutos mais positivos se usada para a tolerância ao invés da austeridade; para o respeito ao invés da violência; para a inclusão no lugar da exclusão; para a construção ao invés da destruição; para a vida, jamais para a morte.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Palavras para desatar nós**. Campinas: Papyrus, 2011, 176 p.

AQUINO, Felipe. **O perigo das palavras mal usadas**. Disponível em: <http://cleofas.com.br/o-perigo-das-palavras-mal-usadas/>. Acesso em: 20 ago. 2017.

BÂ, Hampaté A. A tradição viva. In: **História Geral da África: metodologia e pré-história da África**. J. Ki-Zerbo, 2ª. ed. rev. Brasília: Unesco, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BÍBLIA SAGRADA. Ave Maria: Edição Claretiana. 122. ed. São Paulo: Ave-Maria, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CRIPPA, A. Mito e cultura. In: ABIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dimensões da palavra: Filologia e linguística portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Etmologia e origem das palavras**. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/educar/>. Acesso em: 21 jun. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro - 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MICHAELIS. Dicionário online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 20 jun. 2017.

SANTOS, J. F. dos. O Que é pós-modernismo. In: GATTI, Bernadete A. **Pesquisa, educação e pós-modernidade: confrontos e dilemas**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 35, n. 126, p. 595-608, set./dez. 2005.

SEVERINO, Roque Enrique. **I Ching, o livro da sabedoria: uma visão budista do livro das mutações**. São Paulo: Ícone editora, 2010, 360 p.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. Trad.: J. C. Neto, L. S. M. Barreto, S. C. Afeche. 6ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.